

# Segurança falhou em explosão de pólvora que matou soldados

21/1/88 — Solano José

RECIFE — O Comando Militar do Nordeste reconheceu, ontem, que houve violação das normas de segurança no Campo de Instrução Marechal Newton Cavalcanti, da 7ª Região Militar, onde uma explosão de pólvora, ocorrida há dois meses, durante um treinamento, provocou a morte de cinco soldados e ferimentos graves em outro. Este é o resultado do inquérito instaurado pela 7ª Região Militar para apurar o acidente — divulgado secundariamente em nota oficial pelo Comando. Os encarregados das investigações concluíram também que os responsáveis pela violação das normas são os dois oficiais que participaram da operação, cujos nomes não foram revelados. Na época do acidente, contudo, os parentes das vítimas disseram que os capitães Ferreira e Franz eram os instrutores.

Em nota de 23 linhas, o Comando Militar do Nordeste informa que o inquérito foi enviado à auditoria da 7ª Circunscrição Judiciária Militar, que vai apurar os fatos e as responsabilidades. Informa também que as investigações não determinaram as causas da explosão. "Contudo, considerando-se que experiências realizadas com amostras do material revelaram sua alta sensibilidade ao atrito e determinaram em 200 graus centígrados sua temperatura de combustão", foi descartada a possibilidade de combustão espontânea. A nota indica como provável causa da explosão "o atrito provocado pela ação involuntária de um dos soldados envolvidos diretamente na operação".

A nota revela que foram violadas as prescrições técnicas e de segurança contidas no *Manual Técnico T9-1903* — Ar-



*Colegas de soldados mortos se comoveram no enterro*

*mazenamento, Conservação, Transporte e Destruição de Munições, Explosivos e Artíficos.* No final, afirma: "O comandante da 7ª Região Militar (omite-se o nome do general Íris Lustosa), concordando com as conclusões do encarregado do IPM, tenente-coronel engenheiro químico Jarbas da Rocha Carvalho, assinou, em sua solução, a existência de crime culposo".

A explosão de pólvora é o terceiro caso ocorrido no Campo de Instrução Marechal Newton Cavalcanti. Em abril do ano passado, o soldado Walter Barbosa de Souza ficou cego do olho esquerdo, ao ser surrado por seus colegas durante um treinamento, depois que se recusou a passar num corredor polonês, como mandava o instrutor. Meses depois desse caso

— que ainda continua na Justiça — 19 soldados foram queimados com gás lacrimogênio. Atendidos no hospital do Exército, ficaram dois dias em observação e foram liberados.

O soldado Eronílson Vieira da Silva, 20 anos, foi o único sobrevivente da explosão. Com queimaduras de 2º e 3º graus em todo o corpo, ele teve alta quinta-feira da Casa de Saúde São Marcos, mas só deixou o hospital às 22h30min, para que a imprensa não o fotografasse. Eronílson deixou o hospital num carro do Exército e na sua casa, em São Lourenço da Mata, a 40 quilômetros de Recife, continua isolado por um esquema de segurança: dois soldados permanecem na sua casa para que ninguém — a não ser parentes e amigos — fale com ele.

JB 19.3.88.90